

LAJOLO, M. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

Suzete de Paula Bornatto*

*Quando nasci um anjo só baixou/falou que eu seria
um executivo e desde então eu vivo com meu banjo/
executando os rocks do meu livro pisando em falso
com meus panos quentes/enquanto você ri no
seu conforto enquanto você me fala entre dentes/
poeta bom, meu bem, poeta morto.
Zeca Baleiro – Líricas, 2000.*

Na obra introdutória *O que é literatura*, de 1982, integrante da bem sucedida Coleção Primeiros Passos, da editora Brasiliense, Marisa Lajolo já esbanjava senso de humor e defendia o trato da literatura por vias menos formais do que as preferidas por muitos de seus sisudos companheiros de erudição. Nesta “re-escrita”, que é *Literatura: leitores & leitura* (em que a objetividade do título anterior dá espaço à subjetividade dos sujeitos e suas escolhas), a irreverência e a provocação estão presentes e chamam o “leitor anônimo” a diversos questionamentos importantes.

Para quem está envolvido com a educação literária, pode parecer que algumas perguntas são velhas, mas uma consulta a livros didáticos, uma visita a salas de aula ou uma leitura de títulos recentes sobre literatura e ensino podem revelar que há muita teoria e muita prática empoeirada precisando ser objeto de dúvida.

* Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Mestranda em Educação da Universidade Federal do Paraná. bornatto@uol.com.br

Se, em 1989, Magnani¹ apontava para o fato de se exigir do aluno uma “atitude meramente passiva e reprodutora frente a um texto dado como ‘exemplar’, ao mesmo tempo em que se trabalha com aspectos estáticos da literatura, passíveis de serem operacionalizados...”, passados mais de dez anos, conforme observação de Leahy-Dios,²

...na maioria das salas de aula os textos canônicos são estudados silenciosamente e passivamente como verdades e saberes já digeridos, com alunos espectadores não participantes daquela *cultura* superior que lhes é apresentada como uso exemplar da língua, objeto inacessível e modelo de veneração e respeito.

Segundo Eagleton,³ a natureza incerta dos cânones literários e sua dependência de uma estrutura de valor culturalmente específica são amplamente reconhecidas em nossos dias, juntamente com a verdade de que certos grupos sociais foram injustamente excluídos deles; todavia, os livros didáticos destinados ao ensino médio dão a entender que, no Brasil, até o século XIX, só havia homens escrevendo romances ou peças de teatro, já que a primeira escritora que costumam referir é Rachel de Queiroz.

Muitos dos 15 capítulos de *Literatura: leitores & leitura* trazem a repetição de trechos do livro de 82, mas os temas são ampliados com referências a discussões mais recentes no âmbito dos estudos literários e enriquecidos com epígrafes e exemplos da década de 90, principalmente. As citações podem escandalizar os incautos, pois de um capítulo a outro passa-se de Carlos Vogt (além de escritor, linguísta e ex-reitor), a Paulo Coelho, o preferido das prateleiras a quem tantos críticos torcem o nariz. Há também Orides Fontela, Manoel de Barros, Sebastião Uchoa Leite e Zeca Baleiro.

1 MAGNANI, M. do R. M. *Leitura, literatura e escola – sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 33.

2 LEAHY-DIOS, C. *Língua e literatura: uma questão de educação?* Campinas: Papyrus, 2001. p. 56.

3 EAGLETON, T. *Teoria da literatura – uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 329.

Lajolo inicia o percurso com a afirmação de que a literatura não morreu, mas mudou “de cara, de endereço e até de família”. No mundo contemporâneo dos “livros a mancheias”, cabe questionar a tradição cultural que vem fornecendo respostas à pergunta sobre o que é literatura: essa tradição tem, além do respaldo de séculos, a civilização burguesa – “branca, masculina e bem alfabetizada” – por horizonte.

Destacando o caráter arenoso e provisório do conceito de literatura, a autora lembra que a obra literária é objeto social muito específico, que prescinde dos processos econômicos de produção e circulação, tanto como da interação estética entre leitor e autor. A literariedade de um texto costuma ser definida e proclamada pelos canais competentes: a crítica, os editores, a escola (definidora de “clássicos”)... Esses canais vão selecionando, fixando e ajustando o cânone e, ao mesmo tempo, as teorias que o sustentam.

Ao tratar das relações entre oralidade e escrita, reitera a reivindicação de inclusão da MPB como literatura e aponta: “a literatura – aquela que os resmungões gostam de escrever com letra maiúscula – desconfia de tudo que não é escrito, ou de tudo que ao escrito acrescenta outros códigos”. Entretanto, em relação a *O que é literatura*, algumas modificações revelam maior precisão e cautela nas assertivas sobre linguagem e significação.

O capítulo 6 é “onde se denuncia a promiscuidade das várias linguagens no interior do que se chama literatura” – um dos exemplos que reforçam a argumentação é um conto bem humorado em que alguém alheio ao *informatiquês* e ao *internetês* não veria muita graça. Mais adiante, Lajolo professa: “...é cada um, no silêncio ou na algazarra de suas leituras, que torna literários alguns dos textos com que se encontra na vida.”

A professora se oferece como guia (ao “leitor obtuso” ou “erudito”, à “leitora folgada” ou “apressada”) em um breve *tour* histórico que pretende ajudar a compreender como a literatura foi concebida, praticada e avaliada ao longo da história ocidental. Assim, parte dos gregos, revive a Idade Média em uma novela de cavalaria, atravessa “Barroco”, “Arcadismo”, “Romantismo” e “Realismo” com exemplos canônicos e outros nem tanto.

A maior diferença entre a obra original e a re-escrita está no tom em que se trata da atualidade. Em 1982, há ceticismo em afirmações como a de que “não somos um país de leitores” ou de que “a literatura corre o risco de tornar-se (...) descartável”. Em 2001, após muitos estudos de fôlego em que a própria autora esteve envolvida, na área de história da leitura e do

livro, há o reconhecimento de que a abundante produção contemporânea está distante dos prognósticos mais pessimistas.

Globalização, tecnologia, técnicas de reprodução, novos suportes, novas mídias, tudo favorece a multiplicação do texto. Os conceitos de metalinguagem e intertextualidade são revisados e aproximados da noção de hipertexto, cara aos frequentadores do universo virtual. Por outro lado, a segmentação do mercado favorece a visibilização dos antes “marginalizados” da história literária (literatura para crianças e jovens, de mulheres, de negros, de homossexuais,...), agora com identidade assumida. Conforme o texto: “Tem de tudo, sim senhor! E tudo é literatura!”

O livro termina com variadas indicações de leitura, dentre as quais boa parte é produção da última década. É uma das qualidades de *Literatura*:... é justamente essa – lança a um universo de outros textos, com o conselho implícito de desconfiar das respostas prontas. A lista de sugestões inclui, por exemplo, *Altas literaturas*, de Leyla Perrone-Moisés, cuja posição é, no mínimo, “bastante distinta” da assumida pela professora da Unicamp.

Enfim, a leitura (ou re-leitura) desse texto de Marisa Lajolo faz sentido pra quem teima em não concordar que poeta bom é só poeta morto.

Texto recebido em 10 jan. 2002

Texto aprovado em 15 mar. 2002